



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1443

NUS MASCULINOS: SUA INSERÇÃO NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA

Ronielyssom Cezar Souza Pereira
(UNIOESTE)

Resumo: Entre abril de 1978 e julho de 1981 circulou, principalmente, nas grandes capitais brasileiras, o jornal *Lampião da Esquina*, um periódico feito por e para homossexuais, cuja proposta não se restringia apenas ao público homossexual e se propunha a “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres”. O objetivo da análise foi verificar a concordância, discrepância ou ainda divergência, entre as imagens do corpo masculino e o discurso produzido no referido periódico. Na metodologia, não se tomou o jornal como um todo, houve o recorte das principais representações sobre como o corpo masculino estava expresso pictograficamente, que corresponde a problematização levantada. Sobre esse foco é que se inserem as análises de discurso e de imagens, tendo em mente as representações das homossexualidades. O jornal *Lampião da Esquina* primava por questionar, problematizar e subverter o discurso heteronormativo, primordialmente no que tange a sexualidade. Por conta dessa intenção se propôs colocar em evidência a figura dos homossexuais perante uma sociedade heteronormativa. Mas como isso se materializa no periódico? Uma das formas encontradas foi o uso de imagens, as quais tornam-se fontes dessa análise parcial. Após verificar as relações estabelecidas entre as imagens, suas representações e os discursos atrelados, foi possível considerar que houve uma inserção do nu masculino, e que esta reflete uma dupla posição tanto sob a lógica econômica quanto de caráter político-social, sendo a configuração do nu masculino um interstício, entre erotismo e pornografia.

Palavras-chave: Gênero; Homossexualidade Masculina; Nu Masculino; Homoerotismo.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Introdução e justificativa

Este texto pretende apresentar algumas reflexões parciais sobre a caracterização do nu masculino no jornal *Lampião da Esquina* para compreensão das produções discursivas do periódico sobre homossexualidades. Essas reflexões fazem parte de um projeto mais amplo, que pretende investigar as configurações sobre os estereótipos homossexuais masculinos em contraposição ao discurso heterossexual normativo, pensando o discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21) e partindo da análise dos discursos homossexuais tendo em mente que “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Por esta razão o interesse que move a pesquisa, sobre a produção do discurso que configura estereótipos homossexuais masculino, se coloca na intersecção de alguns aspectos para a compreensão, através do jornal, sobre como estão configurados os discursos com a finalidade de construir posições de sujeitos: a questão da construção de identidades, em especial identidade sexual e de gênero, tendo em vista “a tensão entre perspectivas *essencialistas* e perspectivas *não-essencialistas*” (SILVA, 2000, p. 12); as diferenciações sobre homossexualidades masculinas, apresentadas a diferentes níveis de leitores; o questionamento sobre o corpo, masculino, enquanto parte de um processo de disputas pela afirmação de estereótipo padrão; e, a inserção do nu masculino no jornal abrindo espaço para reflexões além do caráter comercial.

Objetivos

Como a interseção dos aspectos mencionados, que move a pesquisa, pode gerar reflexões extensas, neste artigo o objetivo é, a partir das imagens do corpo masculino no jornal *Lampião da Esquina*, verificar as relações entre estas imagens e o discurso produzido que a elas se refere, e deste modo adentrar nas reflexões sobre erotismo que circunscrevem os discursos produzidos sobre os corpos masculinos.

Resultados

Antes de iniciar esta discussão é preciso ponderar o surgimento do jornal *Lampião da Esquina* para além de uma simples genealogia mas como um breve aprofundamento em algumas considerações gerais apontadas por James Green (2000), na obra *Além do carnaval*, sobre a homossexualidade nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, que precederam o jornal.

Primeiramente é preciso lembrar as transformações culturais e as figuras andróginas, especialmente o cantor Ney Mato Grosso e o grupo Dzi Croquettes, que entre no fim dos anos 60 e o início da década de 70 passaram a estar em evidência no cenário cultural brasileiro utilizando-se do poder da ambiguidade proporcionada pela androginia para desestabilizar as imagens heterossexuais padronizadas tanto do corpo masculino quanto do corpo feminino.

O acesso a informações esparsas, durante a década de 70, sobre as movimentações internacionais de homossexuais foi outro ponto a ser considerado e nesse sentido a imprensa alternativa¹ foi de fundamental importância porque dentre o surgimento de variados tipos de periódicos houve também o surgimento de uma imprensa alternativa que considerava, em alguma medida, os sujeitos

¹ Segundo Bernardo Kucinski “o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam” (KUCINSKI, 1991, p. 5). Por contas das diversas possibilidades de sentido, nesta pesquisa o termo é utilizado no sentido de algo que não está ligado a políticas dominantes, visto que o jornal *Lampião da Esquina* não é um jornal de grande porte e destina-se às minorias sociais, de modo substancial aos homossexuais.

homossexuais, nesse sentido é preciso lembrar alguns periódicos que precederam o jornal *Lampião da Esquina: Gente Gay, Entender, Mundo Gay* e a Coluna do Meio do jornalista Celso Curi no jornal *Última Hora*. Contudo é preciso fazer uma ressalva importante: embora esse tipo de imprensa considerasse em certa medida os sujeitos homossexuais, ela não estava acima do aparelho de censura da ditadura sendo que o discurso desses veículos também se encontrava circunscrito nas delimitações de seu contexto histórico e político.

Green (2000) ainda aponta a emergência de uma nova identidade homossexual num processo que começara paulatinamente nos anos 50, e na década de 60 o uso do termo “entendido”, segundo Peter Fry citado por Green, já evidenciaria a predominância dessa nova identidade que trazia consigo uma maior fluidez nas relações sexuais homossexuais para além da divisão binária ativo e passivo que reproduziam os papéis de gênero, Mas muitos dos primeiros ativistas preferiam usar a palavra “bicha”, ao invés dos termos entendido ou gay, para desta forma realizar uma desestigmatização do significado pejorativo do termo “bicha”, mas saltando para meados da década de 80 Green aponta que dentre os ativistas e membros da subcultura (homossexual) passaria então a predominar a adoção do termo “gay” como palavra para representar sua condição sexual.

A última consideração que Green (2000) aborda como antecedente influente para o surgimento do jornal *Lampião* é o empreendimento de alguns homossexuais em agruparem-se para discutir a temática em um contexto político, social e cultural. Nessa consideração é mais pertinente adotar os apontamentos de João Silvério Trevisan (2007), escritor paulista que morou nos Estados Unidos no início da década de 1970, que em 1976 tentou agrupar alguns estudantes universitários homossexuais e discutir a temática da homossexualidade na cidade de São Paulo. Mas segundo Trevisan (2007) a tentativa de articulação foi frustrada porque pairava no ar um questionamento comum, até certo ponto, nos grupos homossexuais desse período: “seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no contexto político brasileiro?” (TREVISAN, 2007, p. 337). E sem adentrar no mérito da questão é possível perceber o cerceamento das “minorias” pela esquerda em nome de uma luta maior, isto é, a luta de classes.

Tendo em mente tais considerações não surpreende que no fim de 1977, quando Winston Leyland, editor da Gay Sunshine Press de São Francisco – Califórnia, Estados Unidos – visita o Brasil para coletar material para compor uma antologia de literatura gay latino-americana e para isso contatou diversos profissionais para realizar sua pesquisa, serviu como catalisador para que um pequeno grupo de intelectuais homossexuais tenha se organizado para formação de um jornal como veículo de discussão sobre as minorias.

Então em Abril de 1978 surge Lampião, que segundo Trevisan (2007, p 342) posteriormente adotaria o nome de Lampião da Esquina para contornar o fato de que o nome Lampião já havia sido patenteado anteriormente.

A proposta de Lampião afirmava não se restringir a um tipo exclusivo de público alvo, mas ir além como aponta Aguinaldo Silva, na época jornalista e editor chefe do jornal Lampião da Esquina: “Nós pretendemos, também, ir mais longe dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias.” (SILVA, 1978, p. 2), ou seja, em sua proposta o jornal no Editorial da edição número zero já propunha claramente que seu público alvo seriam os grupos sociais minoritários: homossexuais (bichas, lésbicas, travestis, enrustidos, etc), negros, mulheres, índios, ecologistas, etc. Entretanto, o jornal Lampião da Esquina era um jornal que tratava prioritariamente de aspectos relacionados a homossexualidades de diferentes formas que vão da indicação de literatura homoerótica às reportagens sobre a igreja e o homossexualismo.

Na organização das seções do jornal havia seções fixas como a seção Opinião, que era o editorial do jornal, a seção Reportagem, sobre assuntos das matérias de capa, e a Seção Cartas na Mesa, destinada a divulgar os comentários dos leitores. O que é mais interessante em Lampião da Esquina não é a sua forma material – estruturação do discurso, recursos de imagens, designer, linguagem – mas a sua construção discursiva e imagética sobre os tipos homossexuais que são apropriados no jornal como forma de manifestação contra a estigmatização dos homossexuais, e é neste sentido que a relevância sobre o nu masculino toma corpo nesta análise parcial.

Como enfatizar cada imagem de corpo masculino que é divulgada em *Lampião da Esquina* tomaria muito tempo, é melhor realizar um agrupamento genérico das imagens de corpos masculinos em três eixos básicos: ilustrações eróticas, que enquadram os desenhos propriamente ditos, sendo estes explícitos ou não sobre o nu masculino; fotografias ilustrativas, que expunham o corpo masculino geralmente como ilustração de reportagens, notícias, entrevistas ou anúncios, dificilmente expondo um corpo masculino nu, mas sem descondierar a sensualidade em evidência que contornava os discursos presentes; e por fim as imagens homoeróticas, caracterizadas pela sensualidade e intencionalidade de evidenciar o corpo como produto, lembrando que este grupo pode abarcar os dois primeiros grupos visto que o erotismo, e conseqüentemente o homoerotismo, está entrelaçado com a menor percepção de um sentido sexual implícito em imagens, sejam estas desenhos ou fotografias, corpos nus ou vestidos.

Nas primeiras edições de *Lampião da Esquina* é possível perceber uma leve intenção em evidenciar o corpo masculino, e as primeiras caracterizações deste corpo são feitas pictograficamente, principalmente pelos desenhos do artista Plástico Darcy Penteado. O primeiro desenho de um corpo nu masculino impresso em *Lampião da Esquina* é um desenho feito a bico de pena e ilustra o texto de Darcy Penteado afirmando: “Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil” (PENTEADO, 1978, p. 3) numa breve discussão sobre a arte erótica no Brasil. Quando os editores utilizam desses tipos de desenhos, principalmente os de Darcy Penteado, em *Lampião da Esquina*, aqui, grosso modo, classificados como ilustrações eróticas, existe a preocupação de evidenciar o corpo homossexual para além do corpo masculino heterossexual.

Em outras palavras trata-se de uma manipulação que evidencia uma luta entre representações e neste sentido o termo representação abarca os sentidos expressos por Chartier em *À beira da falésia*:

As entradas da palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: de um lado, a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é

a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. (CHARTIER, 2002, p. 74).

Como bem expressa, o termo representação abarca sentidos aparentemente contraditórios e isso é explícito nas imagens classificadas como ilustrações eróticas porque nelas há a exibição de uma presença, de uma pessoa, isto é, de um corpo masculino numa perspectiva heterossexual. Não obstante, a mesma imagem também expressa uma ausência da representação dessa masculinidade heterossexual por que evidencia o contato entre dois homens, aparentemente nus, o que é perceptível mesmo com os desenhos sendo estilizados. É preciso lembrar que não são todas as ilustrações eróticas em *Lampião da Esquina* que vão comportar essa relação entre o duplo sentido do termo representação, mas apenas ilustrações presentes nas seguintes páginas: edição 00, p. 3, seção Esquina; edição 30, p. 10, seção Literatura; e, edição 28, p. 6, seção Entrevista.

A segunda classificação aqui empreendida, fotografias ilustrativas, abarcam as fotografias, que geralmente não eram coloridas, nas quais o corpo masculino estava presente, lembrando que nesta pesquisa optou-se por analisar as imagens em que esses sujeitos apareciam sozinhos, visto que o objetivo é permear e compreender a relação da sensualidade evidenciada nas imagens com os discursos produzidos e a linguagem utilizada. Outra consideração importante a se fazer é que como a pesquisa é incipiente ainda não foi possível determinar com precisão todas as autorias das fotografias que apareceram em *Lampião da Esquina*.

Para compreender as fotografias ilustrativas a categoria teórica de representação que foi tomada de Chartier torna-se aqui insuficiente para relacionar as fotografias aos discursos e à linguagem que a cerceiam porque como afirma Boris Kossoy “o documento fotográfico é uma representação a partir do real, uma representação onde se tem registrado um aspecto selecionado daquele real, organizado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente.” (KOSSOY, 2002, p. 59), logo tomar tais fotografias como mera representação manifestada de uma ausência, considerando apenas uma distinção entre a representação e o que é representado, fica muito vago porque não abarca a possibilidade que essa

representação tem de influenciar a própria realidade. Por esta necessidade, a noção de representação utilizada por Pierre Bourdieu como sendo:

(...) enunciados performativos que pretendem fazer acontecer o que eles enunciam, ou então, restituir ao mesmo tempo as estruturas objetivas e a relação com essas estruturas (a começar pela pretensão de transformá-las), é o mesmo que munir-se do instrumento capaz de dar conta mais completamente da "realidade". (BOURDIEU, 1996, p. 112).

Assim o sentido de representação delimitado para uma maior aproximação com a realidade possibilita uma análise mais crítica das fotografias ilustrativas. Estas fotografias, no jornal *Lampião da Esquina* primariamente estão sob a função de ilustrar os discursos veiculados, sendo que geralmente são as fotografias que estão presentes na seção Reportagens, entretanto considerando que “a representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, (...); o assunto registrado é produto de um elaborado processo de criação por parte de seu autor.” (KOSSOY, 2002, p. 43) e nesse sentido a representação liga-se a realidade alterando-a de modo significativo.

Tomando a página 5, na seção Reportagem, da edição número 7 de dezembro de 1978, essa assertiva vai se clarificando aos poucos. Nessa página estão dispostas oito fotografias, feitas por Dimitri Ribeiro, de homens fotografados informalmente na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, cujo título da reportagem é “Quem resistirá a este verão?” que faz uma crítica à revista *Manchete* por ela divulgar apenas fotos de mulheres nas praias cariocas enquanto se propõe a divulgar estas praias no verão. O interessante de perceber neste caso é o duplo sentido do título da reportagem que intencionalmente visava não apenas expor o corpo masculino como elemento presente nas praias cariocas ou ilustrar a reportagem sobre as mesmas, mas comercializá-lo como produto de desejo, pois a importância dada à representação do corpo masculino neste caso ganha mais de setenta e cinco por cento do espaço da página.

Em demais reportagens a proporção do espaço ocupado pelas fotografias não é a mesma, porém observa-se, em pouca medida, uma certa importância com os

aspectos de diagramação: o valor informativo das imagens que, quase sempre, ocupam o centro da página ou o lado superior; a saliência, que se refere aos elementos para atrair atenção do leitor, o que está em primeiro ou segundo plano, o tamanho relativo, as diferenças de nitidez, etc; e o enquadramento, isto é a presença ou ausência de elementos que criam linhas divisória. Tudo isso para chamar atenção dos leitores à representação do corpo mas como Rodrigues (2010) afirma sob a perspectiva técnica da diagramação pode-se verificar que os três sistemas propostos, valor informativo, saliência e enquadramento, não são bem articulados na maioria dos números de *Lampião*.

Adentrando ao último agrupamento, imagens homoeróticas, é preciso fazer uma subdivisão e primeiramente observar as imagens e fotografias veiculadas entre a edição 16, de setembro de 1979, e a edição 25, de junho de 1980, onde os leitores conseguem perceber a apresentação de imagens do corpo masculino para além de uma intenção de expor os corpos de homens homo e heterossexuais em contraposição às reportagens da revista *Manchete* onde só apareciam mulheres nas praias. A configuração do corpo masculino a partir destas edições adquire um sentido mais comercial do que político propriamente dito, isso porque não se trata mais de apenas ilustrar reportagens ou questionar os padrões heterossexuais, mas trata-se de utilizar o corpo fotografado como objeto útil à obtenção de lucros. Isso fica claro quando se percebe que, a partir da edição 16, há uma ênfase no espaço destinado à oferta de assinaturas e que contava com imagens de homens em poses sensuais, um claro apelo erótico, mas também um indício de uma mudança na forma como o jornal representava os corpos masculinos pois segundo Bernardo Kucinski (1991, 73) "*Lampião da Esquina* começou elegante e terminou pornográfico" já que sua circulação segundo Kucinski (1991) coincidiu com a explosão pornográfica no país.

Então é perceptível em *Lampião da Esquina* uma propensão a seguir uma tendência comercial, em voga não apenas no Brasil, em expor o corpo masculino, e desta forma o jornal imprime características distintas daquelas que permearam suas primeiras páginas, onde havia uma maior preocupação com assumir uma posição política que Trevisan tanto denotava em seus artigos no jornal.

Circunscrevendo uma fase mais “pornográfica” de Lampião da Esquina a partir da edição 27 de agosto de 1980 até a última edição, a número 37 de junho de 1981, o jornal “ilumina” o nu masculino, inclusive o nu frontal, como forma de comercializar o corpo sim, mas também como meio de desmistificar o discurso sobre o desejo erótico. Sendo justamente esse desejo erótico que ao longo da curta existência do jornal vai ganhando espaço através das ilustrações, das fotografias, dos discursos, das propagandas, das charges, percebe-se que no jornal foi iniciado de modo sutil a construção de uma representação homoerótica do corpo masculino sem adentrar numa concepção pornográfica que se utilizasse do falo ereto para evidenciar o desejo erótico entre homens.

Considerações finais

Em suma, o nu masculino inserido em Lampião da Esquina é delimitado pelos editores num interstício entre homoerotismo, porque trata da sensualidade presente nas imagens masculinas destinadas a homossexuais, e pornografia, porque a exibição do nu frontal masculino expõe a produção de um desejo de caráter sexual como recurso comercial. Mas o assunto não se encerra por aqui, e nem há a intenção de esgotar o assunto visto que não há uma “verdade absoluta” sobre as proposições aqui levantadas.

As considerações que podem ser levantadas se referem apenas à intencionalidade real dos editores de Lampião da Esquina de utilizar o corpo como objeto para obtenção de recursos e com isso houve a apropriação e imagens que levaram a produção de um discurso homoerótico, que preencheu um interstício entre a pornografia propriamente comercial e o mero erotismo enquanto produção discursiva. Desta forma não é possível abordar a questão da recepção perante o público leitor porque nesta avaliação parcial foram priorizadas as análises das imagens em detrimento da recepção destas imagens junto ao público a que seria destinado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CHARTIER, Roger. **Á beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX**. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa**. 1. ed. Página Aberta, 1991.
- ORLANDI, Eni Puchinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PENTEADO, Darcy. Ensaio. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção de Ensaio, p. 3.
- RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil**. 1. ed. Niterói: EdUFF, 2010.
- SILVA, Aguinaldo. Saindo do Gueto. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, abril de 1978. Caderno Editorial, p. 2.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.